

Economia

ENERGIA

Eólica deve ficar mais cara no leilão desta sexta-feira

O leilão de geração de energia marcado para esta sexta-feira traz novidades na contratação das usinas de energia eólica e das térmicas. No caso da energia eólica, a mudança é na forma de contratação, que passará a trazer mais risco aos investidores, o que deverá resultar em um preço mais alto - após a fonte bater recordes de barateamento, no último leilão.

Até agora, os projetos eram contratados por disponibilidade - as usinas se comprometiam a gerar uma quantidade de energia por ano e não precisavam arcar com o risco de a geração ficar abaixo do esperado em determinado mês.

Com o novo contrato, haverá mais risco: se em um determinado mês os ventos forem mais fracos que o projetado, o empreendedor

terá que compensar a diferença, comprando energia no mercado de curto prazo, a preços mais altos.

“Em tese, vai subir o preço, mas talvez ele não seja tão afetado neste leilão porque a competição ainda é acirrada”, afirmou Elbia Gannoum, presidente da Abeólica (associação da indústria eólica).

Foram inscritos no certame o equivalente a 27 GW de potência, mas a expectativa do setor é que a demanda pela fonte seja de 1 GW.

No leilão realizado em abril, os projetos eólicos apresentaram um desconto no preço inicial de mais de 70%, com a venda de produção por preço recorde de R\$ 67,60.

Para Claudio Sales, presidente do Instituto Acende Brasil, os preços serão maiores que no último leilão e acompanham um movi-

mento do governo de retirar subsídios do setor elétrico.

Para Gannoum, os preços só vão começar a se aproximar dos valores reais de mercado (ou seja, ter uma alta) quando a economia tiver uma retomada mais concreta e a demanda por energia subir.

O volume de energia contratado nos leilões de geração é determinado pelas distribuidoras, que traçam projeções do quanto o consumo vai subir nos próximos anos. No caso do certame desta sexta-feira, o prazo de entrega dos empreendimentos é daqui a seis anos.

Com a retomada lenta da economia, não há projeção de um aumento significativo das contratações. “A demanda será maior que no passado recente, mas nada explosivo”, diz Sales.